

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO GÊNERO CHARGE

Micheline Mattedi Tomazi*

RESUMO

À luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), dialogando com o elenco de abordagens teóricas, em especial, as ideias de Pêcheux (1969), Maingueneau (1997), Bakhtin (2000, 2002), entre outros, o escopo deste trabalho é apresentar uma proposta de análise da charge “O pacificador”, produzida por Maurício Ricardo. Ao abordar esse gênero, destaca-se a preocupação com uma leitura interpretativa que leve em conta o processo enunciativo, o processo histórico, o processo interativo e o processo linguístico que contribuem para o efeito humorístico dessa produção discursiva. Partindo do pressuposto de que esses processos, tomados isoladamente, não dão conta de toda produção de sentidos por parte do leitor do texto, pretende-se mostrar que um diálogo entre esses vários processos permite ao leitor sair de uma relação mais imediata com o texto, estabelecendo, conseqüentemente, relações mais sutis, compreensivas e profundas, capazes de contribuir para a construção do sentido do texto humorístico.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Humor. Polifonia. Gênero charge.

ABSTRACT

In the light of the theoretical assumptions of Discourse Analysis (DA), dialoguing with the cast of theoretical approaches, particularly the ideas of Pêcheux (1969), Maingueneau (1997), Bakhtin (2000, 2002), Roulet (1996), among others, the scope of this paper is to propose a review of a cartoon produced by Maurice Richard, entitled "The Peacemaker." By approaching this genre, there is a concern about an interpretative reading which takes into account the process of enunciation, the historical process, the interactive process and the linguistic process that contribute to the humorous effect of this discursive production. Assuming that these processes, taken individually, do not control all the production of meaning by the reader of the text, it is intended to show that a dialogue between these various processes allows the reader to abandon a more immediate relationship with the text, thereby establishing more subtle, profound and understandable relationships capable to contribute for the construction of sense of the humorous text.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Humor. Polyphony. Genre cartoons.

* Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória-ES. E-mail: mimattedi@hotmail.com

AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DO HUMOR NA IDADE MODERNA

A polêmica proibição do humor, em pleno século XXI, depois de termos passado pela ditadura militar, parece ser um tema inopinado, incauto, senão, vergonhoso, por promover uma das formas mais terríveis de silenciamento: a censura à liberdade de imprensa.

Se as produções artísticas já há muito tempo integraram o humor como uma das suas dimensões constitutivas, poderíamos dizer que esse tema é também parte constitutiva da nossa existência no mundo, de nossa identidade social, política, cultural. O humor elegante ou agressivo, fino ou grotesco, lúdico ou sarcástico, cordial ou irônico, não mais repousa sobre um fundo de amargura ou tristeza, mas concebe-se como uma forma de discutir, mostrar, ou até denunciar os conflitos sociais, políticos e culturais, de forma a promover a reflexão positiva e desenvolta, sem estar preso às amarras da censura ou ao valor negativo da fase satírica ou caricatural que o caracterizou em uma determinada época.

Segundo Lipovetsky (2005), o cômico, cujas raízes podem ser encontradas em três fases históricas (a fase medieval, a fase clássica e a fase atual), é marcado, na sociedade humorística atual por um humor que seduz e reaproxima os indivíduos. Logo, “o cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, tornou-se um imperativo social generalizado, uma atmosfera *cool*, um clima contínuo a que o indivíduo é submetido até no seu cotidiano” (op.cit., p.112). Para o autor, nosso tempo não detém o monopólio do cômico, já que, em todas as sociedades, inclusive nas selvagens, as festas e os risos sempre ocuparam um lugar de destaque estabelecido por cada cultura. No entanto, apenas a sociedade atual, ou a pós-moderna, pode ser classificada de humorística, porque, para Lipovetsky:

apenas ela se instituiu globalmente sob a égide de um processo que tende a dissolver a oposição, até agora estrita, entre o sério e o não-sério; a exemplo de outras grandes divisões, a divisão entre o cômico e o cerimonioso se dilui, beneficiando um clima largamente humorístico (LIPOVETSKY, 2005, p. 112).

Esse contexto humorístico atual permite uma visão lúdica do humor. Nem sempre ele é sarcástico, mas bizarro, hiperbólico, provocante, psicodélico, expressivo, caloroso e cordial. A paródia, uma das formas de utilização do humor, é dessocializada, formal ou “estetizada” e assume o tom divertido, ao mesmo tempo audacioso; é nesse sentido que surge o estilo aberto, insolente, desenvolto, descontraído e *cool* do humor. Hoje, o humor pede espontaneidade e naturalidade. É leve, engraçado, mas, ao mesmo tempo, é estrategicamente manipulativo e parcial.

Se assumimos com Bérghson (2001, p. 4) que a emoção é a maior inimiga do humor, que nossos próprios dramas, observados por nós mesmos como espectadores, tornam-se comédias e que a “anestesia momentânea do coração” é responsável pela nossa indiferença necessária para a produção do efeito da comicidade, é possível assumir a visão proposta por Debord (1997) para a sociedade do espetáculo como uma forma de sociedade na qual os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta na existência real. Assim, não há possibilidade de a própria imagem ser reveladora ou esclarecedora, mantendo-se para sempre na esfera da alienação e da emoção.

Na sociedade do espetáculo, a realidade torna-se uma imagem e as imagens tornam-se realidade, portanto, para Debord (op.cit., p.18-19), o espetáculo tem uma tendência a “fazer ver o mundo que já não se pode tocar diretamente” e se reconstitui a cada representação, em que a vida de todos se degrada em “universo especulativo”. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa são a manifestação superficial mais esmagadora do espetáculo, porque dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, quando, na verdade, atua de forma unilateral, a serviço do sistema, sendo, portanto, uma forma de dominação ideológica. O humor, então, mantido refém da lógica espetacular, transforma-se em um forte instrumento de manipulação, em ferramenta apassivadora. Ao mesmo tempo em que ele é descomprometido e descontraído, por não ter a pretensão de ser seguido como uma verdade, é capaz de engendrar o poder e a ideologia e nisso reside a força inquietante do humor.

Se o humor detém esse poder, se ele marca e constitui a nossa sociedade atual, apostamos, neste artigo, em uma relação de proximidade entre a charge e o humor para refletirmos um pouco sobre os efeitos de sentido que o discurso humorístico pode acionar no gênero charge. Para tanto, partimos de algumas considerações sobre a “sociedade humorística”, sobre o humor na sociedade atual, para, em seguida, tecermos algumas considerações sobre uma categoria de charge, a política, que, a nosso ver, constitui-se como um gênero especulativo que pode, dentre outras funções, é claro, utilizar o humor como forma de dominação e manipulação ideológica. Logo após, para mostrarmos como isso acontece no cruzamento do gênero charge e do humor, desenvolvemos uma análise interpretativa da charge “O pacificador”, produzida por Maurício Ricardo.

O UNIVERSO ESPECULATIVO DO GÊNERO CHARGE POLÍTICA: UM DISCURSO HUMORÍSTICO DE DOMINAÇÃO E MANIPULAÇÃO IDEOLÓGICA

O gênero charge consiste na crítica político-social e articula harmoniosamente as linguagens verbal e não-verbal, ou seja, esse gênero estabelece uma relação humorística e irônica com a realidade, por meio da utilização simultânea de imagens e palavras, acrescentando a isso um vigoroso sentido crítico, capaz de situar o leitor ou cristalizar sua posição acerca do assunto tratado. A charge, como muitos outros gêneros, a partir do advento da internet, passou a ser apresentada numa versão eletrônica, em que são aplicados efeitos visuais e sonoros para uma apresentação interativa. Em nosso meio, a charge evoluiu e está se adaptando a um novo gênero jornalístico: a *infografia*. Vivemos, neste ainda desabrochar do século XXI, na era do conhecimento virtual e da informação eletrônica, num contexto social em que a imagem e a palavra se fundem para a produção de sentidos nos diversos contextos comunicativos, no entanto, podemos assumir com Possenti (1998, p.118) que o tipo de humor presente nas charges - e acrescentamos as charges animadas - não é diferente dos outros tipos, apenas circula em veículo específico.

Desse modo, a charge é um gênero que lida com o repertório disponível nas práticas socioculturais e imediatas, estando, pois, sempre ligada ao modo como um determinado sujeito vê o outro. Utilizando-se de argumentos lógicos que possam convencer o leitor, explorar e provocar o riso, o humor, a sátira, a ironia, o deboche, o escárnio, a charge revela-se como um gênero que registra acontecimentos com pessoas simples e famosas, representantes políticos, fatos e acontecimentos diversos, que, como objeto, estão a serviço da produção do chargista, sujeito cujo ofício se desenvolve a partir da análise de fatos do cotidiano, para, então, em sua prática, satirizar, afirmar, subverter, entreter, divertir. Se consideramos que o discurso humorístico não é, necessariamente, crítico, podendo veicular discursos conservadores ou mesmo reacionários, como nos fez ver Possenti (1998, p.109), o humor presente nos discursos das charges políticas parece assumir sempre uma vertente crítica.

A charge, como gênero textual, mantém relação com as tradições dos gêneros do sério-cômico e com eles dialoga, no sentido que dá à realidade. Essa “atualidade viva”, segundo Bakhtin (2002, p. 107-8), “inclusive o dia-a-dia, é objeto ou, o que é mais ainda importante, o ponto de partida da interpretação, apreciação e formalização da realidade”. Dessa forma, as charges dialogam com os gêneros do sério-cômico e conservam a cosmovisão

carnavalesca. Ao parodiar, ao satirizar as ações políticas, elas são responsáveis pelo riso carnavalesco aludido pelo pensador russo.

Entretanto, como gênero polifônico e dialógico, a charge envolve um processo de produção que está sempre impregnado de valores ideológicos que precisam ser analisados para que se compreenda que, muitas vezes, o riso pode atuar justamente para o mascaramento da intenção ideológica, limitando nossa leitura à percepção apenas do risível.

Já que “não há humor que não exija uma parte de atividade psíquica do receptor”(LIPOVETSKY, 2005, p.125), é preciso que o trabalho de leitura interpretativa de uma charge leve em conta a construção do humor, não só no sentido linguístico, mas, principalmente, no que se refere ao seu processo enunciativo, levando em conta o contexto histórico e interacional no qual e a partir do qual a charge foi produzida.

Para Romualdo (2000, p.50), ao produzir a charge, o autor informa e também opina sobre um fato, parafraseando-o ou parodiando-o, por meio da representação de um “mundo às avessas”. Esse mundo satirizado e relativizado pela própria inversão de valores sociais oferece ao locutor desde uma visão crítica da realidade ao mascaramento dessa própria realidade.

A charge e o humor que a constitui funcionam como linguagens identitárias capazes de marcar e influenciar o cotidiano social e individual. Como um importante gênero enunciativo, a charge é capaz de capturar um momento de crise e de insatisfação na sociedade e interferir na interpretação dos fatos, já que trabalha com recursos diversos: estéticos, imagéticos e simbólicos. A charge e o humor são modos de produção e ressignificação de sentidos. A charge nega, afirma, descreve, reinterpreta, reinventa, manipula e pode influenciar o outro. Ela não é necessariamente comprometida com indivíduos e interesses. Não é necessariamente revolucionária, mas é crítica e chama a atenção para assuntos que, expostos em jornais ou sites, não são tão atraentes.

Por isso é que se pode dizer que a charge hoje é um gênero envolvente e polifônico que, além de atrair o leitor, usa o humor, fala e convida outras vozes para falar, brinca com vozes alheias, provoca o riso e a zombaria, mais precisamente esse riso carnavalesco que remete à nossa realidade sócio-político-econômica. Ela é, repetimos, um processo de interação social que se dá numa relação dialógica, sendo, pois, de grande interesse resgatar não as formas de organização dos elementos linguísticos que a constituem, mas principalmente, as formas de instituição de seu sentido. Trata-se, pois, de pensar o texto “não como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis”, conforme Maingueneau (1997, p.14).

O DISCURSO HUMORÍSTICO DA CHARGE POLÍTICA “O PACIFICADOR”: UMA FORMA DE DESQUALIFICAÇÃO PELO RISO

Recentemente assistimos a mais um capítulo sobre conflitos envolvendo países do Continente Sul-Americano. Referimo-nos ao desentendimento entre o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, e o sucessor de Álvaro Uribe, Juan Manuel Santos, da Colômbia, ocorrido no mês de julho de 2010, após Chávez ter anunciado o rompimento das relações diplomáticas com a Colômbia. A decisão tomada pelo presidente venezuelano foi desencadeada pelas declarações do embaixador da Colômbia na Organização dos Estados Americanos (OEA), Luiz Alfonso Hoyos, que mostrou fotos, vídeos e testemunhos, durante uma sessão extraordinária do órgão, que comprovariam a existência de acampamentos e guerrilheiros em território venezuelano. Embora essa crise diplomática tenha sido agravada agora, em 2010, anteriormente, o então presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, já havia declarado que integrantes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) estavam na Venezuela e acusou Chávez de proteger e esconder guerrilheiros. Já em 2008, foi a vez do Equador entrar em conflito diplomático com a Colômbia por conta dos guerrilheiros em situação fronteiriça. Nesses contextos conflituosos, sempre aparece a imagem, largamente difundida pela mídia, do presidente Lula como mediador ou pacificador de conflitos diplomáticos no Continente Sul-Americano. Com o intuito de recuperar um pouco dessa imagem e refletir sobre sua utilização no discurso humorístico, propomo-nos à análise da charge “O Pacificador”, produzida pelo chargista e cartunista Maurício Ricardo para o site UOL¹, no contexto conflituoso que envolveu a Colômbia e o Equador em 2008.

A escolha desse site se justifica pela disponibilidade de temas e debates atuais nas crônicas animadas ali postadas. Tal disposição é que permitiu trazer à tona uma charge que, pelo viés humorístico, crítico e irônico, tem como tema o imbróglio envolvendo a Colômbia e o Equador. O problema se deu, basicamente, a partir da invasão de forças militares colombianas em território equatoriano, a fim de combater as Farc. Na época, a Colômbia invadiu o território equatoriano com a intenção de atacar um grupo das Farc, liderado pelo número dois da organização paramilitar. O então presidente do Equador, Rafael Correa, sentiu-se ofendido e prejudicado pela ação colombiana e rompeu as relações diplomáticas com a nação invasora. Foi, pois, a partir desse mote, que o chargista simulou um suposto diálogo virtual, protagonizado pelos presidentes Lula e Rafael Correa. Durante a interação

¹ Por Maurício Ricardo, disponível em: <<http://charges.uol.com.br/2008/03/07/cotidiano-o-pacificador>>. Acesso em: 08 jul. 2008.

verbal simulada na charge, os presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Rafael Correa dialogam, em discurso direto, a respeito do conflito causado pela invasão de terras equatorianas por parte dos colombianos. Nesse diálogo, os dois presidentes discutem sobre questões territoriais e apresentam pontos de vista divergentes, na tentativa de encontrarem amigavelmente uma solução para o conflito. Embora a charge, como outros gêneros textuais, apresente uma versão eletrônica, em que são aplicados efeitos visuais e sonoros para uma apresentação interativa, vale, nesta proposta de leitura, considerar o texto, a transcrição do diálogo, a partir das legendas, originalmente publicadas no site, em que há a simulação da interação verbal entre os dois presidentes:





Ó, conselho de quem foi reeleito e tá com a popularidade bmbando:

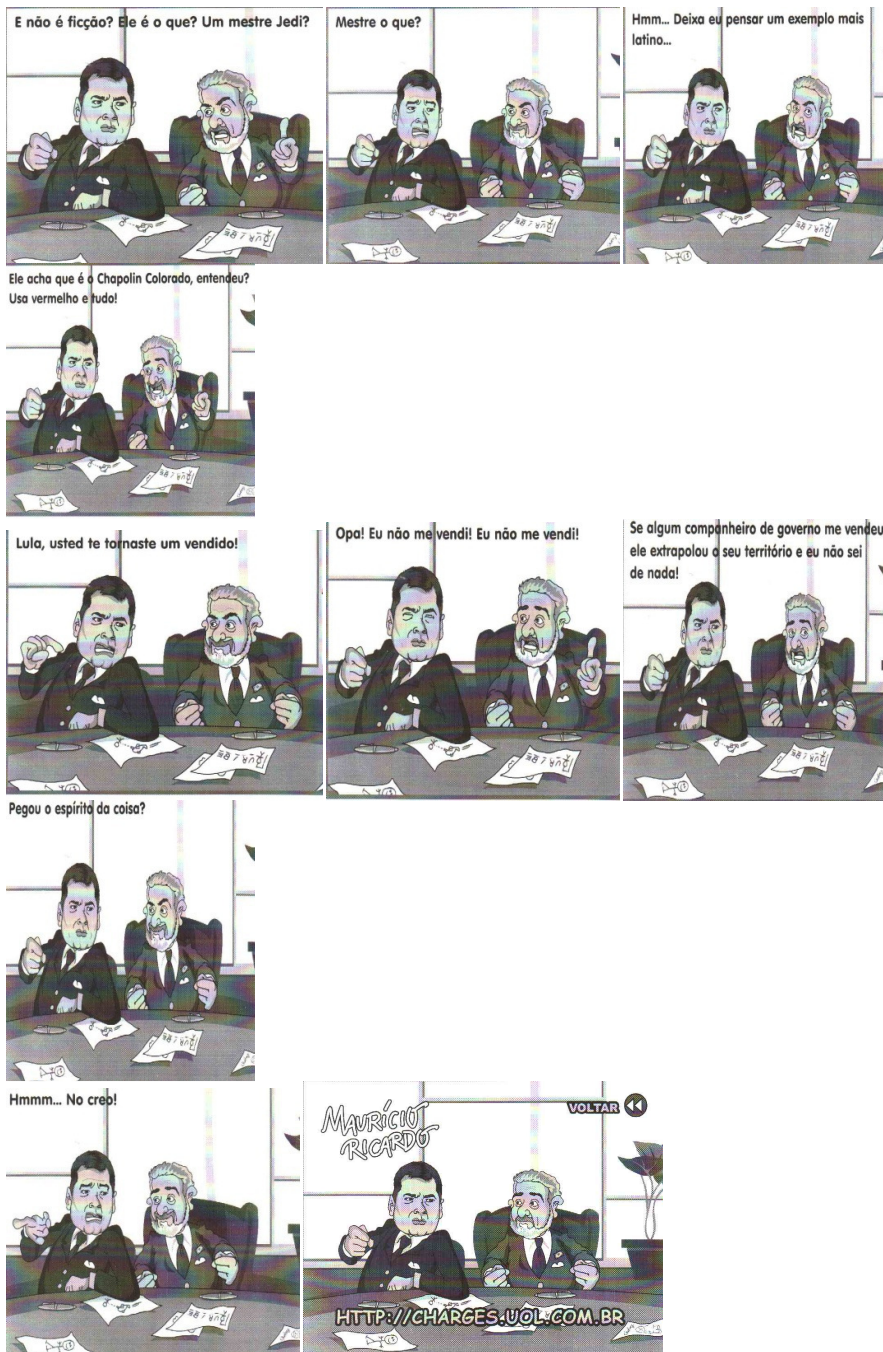


Balela! Ele tá pensando é nos milhões que vai ganhar vendendo camiseta com a cara dele!



No! Ele mantien um programa para combater el império do mal!





Embora nossa intenção seja, como já afirmamos, trabalhar com as legendas que constituem o texto da charge, não podemos deixar de contextualizar, ainda que de modo geral, as imagens que aparecem na charge animada: o presidente Lula, sentado aparentemente na cadeira presidencial, recebe Cordeiro que se senta ao seu lado. Sobre a mesa, estão vários papéis e desenhos que lembram não só a figura do opositor, Uribe, cujo nome aparece escrito em uma das folhas de papel, mas também estratégias de guerra. Essa é, portanto, a imagem

principal da charge seguida da animação, na qual a voz de cada personagem aparece dublada e acompanhada de gestos. Acreditamos que as imagens, embora sejam importantes, não constituem peça fundamental para a produção de sentidos nessa charge, uma vez que o cenário permanece o mesmo e elas, as imagens, embora sendo muitas, indicam pelos gestos, pela dublagem e pelas legendas, aquele que fala durante o diálogo, tornando-se até parecidas, repetitivas e previsíveis.

Pela leitura do texto, transparece, então, uma simulação do discurso, centrada na visão que o autor empírico, para usar a terminologia de Eco (1994), Maurício Ricardo, tem dos fatos. O diálogo é essa simulação de interlocução, em que os personagens envolvidos no jogo enunciativo se revezam e alternam seus papéis de locutor e alocutário na interação verbal entre um eu e um tu. Desse modo, a dimensão interacional se dá sob a forma de interlocução oral face a face, numa relação de co-presença espaço-temporal. A partir daí, é preciso considerar que os planos enunciativos manifestos são dois: o primeiro envolve o autor empírico e seus leitores previstos, a saber, os internautas que visitam o site; o segundo envolve o diálogo protagonizado pelos presidentes, Lula e Correa que, como personagens virtuais, aparecem em segundo plano enunciativo e assumem papéis como sujeitos ideológicos.

O título, elemento indubitavelmente catafórico, sinaliza, pela escolha do sintagma nominal (artigo “o” + substantivo “pacificador”), uma primeira inferência para o leitor que é convidado a buscar, no significado dos itens lexicais, possibilidades de leitura; a começar pela definição da palavra pacificador, dada pelo dicionário como “que ou aquele que pacifica ou restabelece a paz” e, assim sendo, palavra que se enquadra na classe gramatical de adjetivo, classificação logo reformulada pelo leitor que percebe, na utilização do artigo definido que antecede o nome, a substantivação do vocábulo. Ao tomar o termo como adjetivo substantivado no sintagma nominal, o sentido que se dá remete ao sujeito discursivo, a alguém que recebeu esse “codinome” por forças circunstanciais que se busca desvendar durante esta proposta de leitura. Há, necessariamente, a necessidade de se considerar, a partir dessa percepção de que o sintagma nominal se refere a alguém em particular e, principalmente, pelo próprio contexto de produção do texto e, mais ainda, pelo seu gênero humorístico, outras leituras para o título.

Antes, porém, retomemos os planos enunciativos que envolvem o discurso simulado na charge. Se consideramos que o texto da charge, pelas próprias características do gênero, propicia uma gama de observações que direcionam a leitura em torno de dispositivos discursivos e questões ideológicas, uma vez que a própria língua funciona ideologicamente, é

preciso distinguir e procurar entender como são acionados os planos enunciativos que instituem e constituem o humor da charge.

No primeiro plano, composto por Maurício Ricardo, temos o sujeito, autor empírico, que assina o texto e por ele é responsável. Nesse plano, é possível perceber as marcas ideológicas do autor, bem como as que se espera que tenham os seus leitores. Embora seja necessário lembrar que o leitor previsto não é, via de fato, o leitor real.

Ora, tendo em vista as próprias características do gênero textual em pauta, entendemos que o leitor previsto, interlocutor do autor empírico, espera um texto carregado de um discurso crítico, humorístico, irônico, capaz de re(criar) uma situação fictícia, vazada numa situação política real – sem se explicitar linguisticamente – já que o autor prevê um leitor virtual e a própria materialidade do texto traz em si um efeito-leitor que, na esteira de Orlandi (2005, p.65), é produzido, entre outros, pelos gestos de interpretação de quem o produziu, “pela resistência material da textualidade e pela memória discursiva do sujeito que lê”.

Isso significa dizer que o autor empírico busca corresponder às expectativas de seu público-alvo, leitor, mostrando, por meio de uma interpretação pessoal, o que, ironicamente, poderia acontecer numa conversa entre os dois presidentes. Essa ironia, logo percebida pelo leitor, evoca o cenário político e aciona opiniões do senso comum a respeito do assunto: a crise política estabelecida entre alguns países da América do Sul. Vale ressaltar que, nesse plano enunciativo, a imagem que o locutor, chargista, faz de seus interlocutores, internautas, é a de leitores capazes de perceber os implícitos no texto ou o seu contexto para alcançarem o efeito de humor desejado, o que se reforça pela escolha do gênero. Por outro lado, a imagem que os interlocutores internautas, frequentadores do site, têm da voz autoral parece reforçar a ideia de que se trata de um chargista famoso, atento à realidade e detentor de um repertório variado, haja vista a grande variedade de assuntos abordados em suas charges.

Por esse caminho, pela percepção do jogo de imagens, tal como propôs Pêcheux (1969), o referente que deu condições para a produção da charge, ou seja, a crise política, vai ser revelado nas vozes enunciativas do segundo plano, introduzido pela encenação do diálogo, cujas vozes dos governantes estabelecem diversas relações enunciativas intertextuais, pela alusão a outros nomes de destaque no cenário sul-americano, e relações interdiscursivas com discursos que retomam, em suas formações discursivas, um conflito com as formações ideológicas sobre o mesmo referente.

É, pois, esse segundo plano enunciativo, envolvendo o diálogo hipotético entre os dois governantes, o que nos interessa no texto, já que é nesse diálogo, que se processa o discurso humorístico. A linguagem em funcionamento na interação verbal entre os protagonistas do

discurso, além de ser postacom informal, de modo a, forjadamente, indicar um conforto, um estar à vontade perante o outro, para expressarem suas opiniões, é, ainda, eivada de ironias, críticas sublimadas e alusões históricas, além de estar num registro diferente do português brasileiro, o que marca, portanto, não só da estrangeiridade, mas também da identidade cultural.

Dessa crítica ácida, sarcástica e humorística há que se considerar um detalhe importante no que se refere ao humor que se manifesta, sobretudo, ligado a considerações de fundo político, sendo, pois, a política vista sob um prisma satírico. Sendo assim, se reconhecemos que a sátira geralmente se faz com vistas a criticar determinado comportamento, ao dar vida ao personagem Lula com traços de falta de caráter e comprometimento com a soberania nacional, o autor, Maurício Ricardo, estaria criticando-o, e tal leitura é importante para a compreensão do texto, pois que está relacionada à constituição do sujeito que, fazendo significar, significa.

Já, ao exibir o perfil do personagem Correa, percebemos uma postura mais sisuda, uma vez que o interlocutor Correa se mostra o avesso de Lula, por apresentar-se como um sujeito engajado nas questões de soberania, comprometido com sua nação, um líder nacionalista que simpatiza com as ideias socialistas de Hugo Chávez e a ele se refere, com certa reverência, por representar um atual e grande catalisador de discussões políticas na América Latina.

Na interação verbal entre os governantes, surgem, portanto, inúmeras vozes políticas imbricadas que se encontram na memória discursiva do interlocutor, e os sentidos aparecem, surgem, renascem de nós. A polifonia construída pela justaposição de discursos - formando os interdiscursos - torna-se basilar para a constituição do enredo e, necessariamente, de seu humor, que se dá fundamentalmente em torno de alusões a assuntos da política internacional e nacional, a fim de adensar o foco (referente) da discussão, quer seja a invasão do Equador pela Colômbia, quer seja o silêncio do presidente Lula no escândalo do mensalão que envolveu diretamente o seu partido. Assim é que o presidente Álvaro Uribe, presidente da Colômbia, é, de certa forma, defendido pela voz de Lula que vê, em sua ação, apenas uma pequena falha, contrapondo-se à imagem que dele faz o presidente do Equador, já que Uribe teria se aproveitado de um momento tenso para invadir terras equatorianas.

No entanto, a historicidade se funde ao texto e se instala no dizer que evidencia as diferentes formações discursivas. Por exemplo, é comum aos dois interlocutores a utilização do vocábulo “companheiro”, largamente difundido entre os brasileiros do PT (Partido dos Trabalhadores), partido do qual Lula é representante máximo. A referência aos reflexos

negativos da globalização também fazem parte do texto: o interlocutor Lula se mostra alguém perfeitamente adaptado a esse fenômeno – fato que gera, entre outras inferências, a afirmação final na fala de Correa: “Lula, usted te tornaste um vendido!”. A despeito disso, o presidente brasileiro se mostra também muito ciente do tamanho de sua popularidade, indicando, inclusive, que pode se dar ao luxo de deixar os problemas extrapolarem um pouquinho o limite do aceitável.

Além disso, no nível discursivo, a seleção lexical posta na voz do presidente Lula, ao convocar seu interlocutor usando “companheiro” ou “meu irmão”, reforça não só a relação que se quer imprimir, quer seja, a de amizade, cumplicidade, companheirismo, de militância, mas também uma tentativa de negociação pacificadora, uma forma de adesão ao fato de que o Equador, o Brasil, a Colômbia e a Venezuela deveriam se juntar, fraternalmente, na defesa de um inimigo comum: “o império do mal”, lido, aqui, por extensão semântica aos Estados Unidos da América, representando, pois, a figura máxima do capitalismo.

Nesse sentido, seria permitido ler, já a partir do título, a figura de Lula como pacificador, cujo nome seria também marcado, na história da civilização mundial contemporânea, como o de outros grandes pacificadores: Ganhdhi, Martin Luther King, Néelson Mandella e, mais recentemente, Obama, o primeiro presidente negro dos EUA e ganhador do Prêmio Nobel da Paz. Aqui, de forma irônica, bem ao estilo do gênero charge, podemos ler a nova face do presidente do Brasil como a de um possível pacificador na disputa de terras entre a Colômbia e o Equador.

No entanto, a visão dessa face do presidente é distorcida pelo próprio diálogo, pela negação caricatural do discurso ideológico de Lula: afiliado ao Partido dos Trabalhadores, de esquerda, foi eleito e reeleito pelo povo para ocupar o cargo máximo do Poder Executivo e, ao enunciar “Companheiro, abra a cabeça! Mundo globalizado! O Brasil vive vendendo pedacinho”, Lula parece aderir à globalização, de base neoliberal, e, portanto, cai em contradição com o discurso socialista que caracterizou toda a sua história de vida como militante de esquerda. Mais do que isso, Lula parece extrapolar o seu lugar ocupado como anticapitalista, na medida em que sugere ao presidente do Equador, “deixar o pessoal ultrapassar os limites um pouquinho”, fingir que não viu e que não sabe de nada. É claro que, diante dessa fala do presidente, não se pode deixar de fazer alusão à postura dele em relação ao, à época, escândalo do mensalão. Nessa ocasião, tornou-se célebre a frase do presidente: “eu não sei de nada”.

Cumprir notar também que o tratamento que a voz de Lula dá à imagem de Hugo Chávez - associando-o, de maneira irônica, a Che Guevara, revolucionário político, mito

latino e símbolo da militância de esquerda - como uma espécie de bode expiatório para as contradições ideológicas de Lula. Hugo Chávez seria um tremendo “marketeiro” e “capitalista”, já que estaria pensando no lucro “vendendo camiseta com a sua cara”. A comparação feita por Lula aponta para a posição social ocupada por Che Guevara, um grande guerrilheiro de ideais socialistas, que cravou seu nome na história como um lutador pela igualdade e que hoje vive, revive intensamente esses propósitos, sendo, pois, lembrado com seu rosto em camisetas e bandeiras. A comparação é, então, uma estratégia para a noção de que Chávez imita Che Guevara, o que, na visão de Lula, seria ganhar poder pela popularidade, enquanto, na visão de Correa, seria uma questão de “alma socialista e bolivariana”. Daí a utilização do termo marketeiro, duplamente enunciado junto ao diminutivo “tolinho” que dá à imagem de Correa e sua relação com Chávez um tom de assujeitamento, de manipulação. É, pois, através do uso de estruturas persuasivas, na escolha do léxico, na construção sintática, que se imprime à linguagem (im)posta na voz de Lula, que se chega à compreensão do efeito argumentativo e, portanto, ideológico e manipulador, que se vai desenhando no texto. Notamos que, em seguida, a fim de reforçar o caráter de marketing pessoal de Hugo Chávez, Lula continua usando um léxico publicitário, eivado de tom capitalista, ao afirmar que o presidente venezuelano, além de vender camisetas, vende bonequinhos e tem um programa de ficção científica na TV².

Além disso, Chávez também é comparado a um mestre Jedi, cujo código explicita quais virtudes devem ser valorizadas e quais defeitos devem ser evitados. Assim surge o enunciado “se não é ficção, então é um mestre Jedi”. Essa fala, na voz de Lula, dá seguimento ao discurso ficcional postulado anteriormente, referindo-se a um personagem, não por acaso, da série norte-americana *Guerra nas Estrelas*. Jedi são personagens que pertencem a uma ordem de guardiões que dominam o lado “luminoso” da força em contraposição ao mal e tem por características a telepatia, a persuasão, a manipulação da mente e a capacidade de vislumbrar o futuro. Nessa passagem do texto, é importante resgatar o efeito de sentido que tem o fato de o personagem Correa não ter entendido a comparação do “companheiro”, já que o brasileiro valoriza uma figura estrangeira, norte-americana, capitalista, e o equatoriano, opondo-se ao estrangeiro, valoriza os elementos e as figuras de seu país, com um discurso socialista. Daí que os dois não compartilham da mesma formação ideológica, o que implica questões culturais, sociais e políticas que dão origem a discursos divergentes, sem falar, ainda,

² O programa a que se faz referência trata-se, provavelmente, do “Alô Presidente”, exibido por Hugo Chávez desde 1999. Além disso, por trás dessa voz, há uma voz coletiva, principalmente midiática, que refuta e critica a posição do governo venezuelano em relação à liberdade de imprensa.

nos dois registros linguísticos: o português e o espanhol que marcam, sinalizam, no texto, aspectos culturais próprios de cada interlocutor.

Mas a comparação e a ironia não param por aí. A fim de buscar uma aproximação com seu interlocutor, Lula propõe um exemplo mais latino, uma vez que parece reconhecer que Correa não seria capaz de fazer inferência possível para entender um exemplo com um personagem americano. Assim, lança mão abre mão de outro personagem, o principal da série humorística da televisão mexicana, e, nos moldes de um super-herói latino, surge a imagem de Chapolin Colorado, sátira representativa de um herói latino.

Para se certificar de que agora, sim, seria compreendido por seu interlocutor, ironicamente, a fala de Lula vem iniciada pelo marcador discursivo “entendeu?”, junto a expressão “usa vermelho e tudo”. Essa comparação entre Hugo Chávez e Chapolin Colorado não é por acaso: além de ser conhecido por usar uma camiseta vermelha em suas campanhas políticas, o presidente venezuelano já foi várias vezes comparado ao personagem mexicano. Na leitura da charge, a comparação pode ser lida tanto do ponto de vista que ressalta o super-herói, como pelo ponto de vista daquele que o ridiculariza e o torna, portanto, um anti-herói. De qualquer forma, a comparação está entre dois valores: socialista e capitalista. Chávez usaria vermelho por fora (socialista), mas seria, de fato, um cruel capitalista por dentro.

É possível também que se faça outra leitura: Se Chávez, diante da crise diplomática, manifestou que considerava de suma gravidade a alegada violação da soberania equatoriana por parte de forças militares da Colômbia, Lula estaria, pois, querendo apaziguar a situação e, por incompatibilidade de interesses, não apoiou a posição de Chávez. Assim, se Chávez é um dos grandes referenciais de luta contra a ideologia capitalista, podemos inferir, que Correa o vê com admiração quando menciona o que o venezuelano pensa sobre a crise e imprime à sua imagem no cenário político como importante por combater o império do mal, o próprio capitalismo que, aos olhos de Chávez, é quem, de fato, subordina a Colômbia.

Nessa imagem de Lula como um líder descompromissado, há ainda a referência a problemas sociais. Referimo-nos aos conflitos relacionados ao Pará: “O Brasil vive vendendo pedacinho! Tem fazenda de empresa gringa lá no Pará que dá dois Equador!” Nessa passagem, convém ressaltar que, na região norte, são constantes os conflitos relacionados à terra brasileira, e o Pará é o estado brasileiro recordista no comércio ilegal de terras brasileiras para estrangeiros. Tal discurso, embora presente no imaginário coletivo, é rechaçado também por um eu coletivo, na fala de Correa, “És una queston de soberania!”, discurso este defendido pelos políticos, sem, contudo, ser posto em prática.

Desse modo, além do uso do diminutivo que modaliza, de forma negativa, a fala do presidente Lula, há uma crítica à sua atuação em relação à política externa no que tange à proteção e preservação do território nacional, haja vista que, na voz do presidente, fica a ideia de que ele tanto permite a compra de terras brasileiras, quanto menciona a possibilidade de adquirir terras em outro país: “o Brasil compra essa fazendinha e acaba a discussão”. Cabe, ainda, lembrar as polêmicas relacionadas ao episódio de nacionalização das reservas de petróleo na Bolívia, ocorrido em 2006, que prejudicou consideravelmente a Petrobrás e uma espécie de denúncia à pouca importância dispensada aos locais nem sempre monitorados pela mídia: “Menos de dois quilômetros Correa! No meio do nada!”.

Sendo assim, ficando posições contrárias às sugestões de Lula sobre o referente central da conversa, o presidente equatoriano acaba por se constituir como seu antípoda. E essa relação entre a opinião de ambos sobre os fatos ajuda a compreender, tal como propôs Pêcheux (1969), o jogo de imagens que se estabelece entre os interlocutores em relação ao referente. Daí se inferir uma leitura manipuladora da charge que tenta desqualificar a esquerda, em ordem crescente: Lula, o palhaço vendido; Correa, o tolo vulnerável, porque infantilmente chavista, fácil de ser vendido; e Chávez, esse sim, o corrupto, o vendido, o falastrão. Ora, não dá para deixar de demarcar o lugar de enunciação da charge e considerar o seu processo de produção, no que se refere àquele primeiro plano enunciativo a que já nos referimos anteriormente e que envolve o chargista e os leitores, porque, impregnada que está de valores ideológicos, valores esses que, muitas vezes, passam despercebidos para muitos leitores, justamente porque atingem apenas o risível e deixam de lado, na carnavalização do riso, a intenção ideológica de um sujeito que ocupa um lugar socialmente marcado - o de chargista que trabalha numa empresa como a UOL, que pertence à Folha de São Paulo, cujo objetivo seria, ou é, desqualificar qualquer possibilidade de transformação no *status quo* latino-americano, sem falar, é claro, no valor capitalista ou nas leituras que apontam para uma monopolização das empresas de comunicação do mundo, para que estas trabalhem para a divulgação americana do *Way of life*.

Faz-se necessário, então, associar os diferentes processos: enunciativo, histórico, interacional e linguístico para o estabelecimento do sentido do humor no texto. Se “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1994, p.9), a compreensão dos lugares sócio-históricos e ideológicos dos enunciadores, dos planos enunciativos, junto à posição de cada um no discurso e da relação interacional que se estabelece entre eles, a compreensão do momento em que o enunciado é construído, da escolha das estruturas linguísticas, tudo isso contribui para a compreensão do texto e para uma

leitura menos ingênua e mais sutil em relação ao discurso humorístico, já que este nunca é descomprometido ou desproposital. Dessa forma, o humor faz parte do espetáculo que se tornou a sociedade atual e pode ser uma ferramenta poderosa, capaz de se tornar tão perversa quanto o discurso que proíbe sem possibilidade de argumentação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. 3.ed. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1997.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊUCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

RICARDO, M. *O pacificador*. Disponível em:
<<http://charges.uol.com.br/2008/03/07/cotidiano-o-pacificador>>. Acesso em: 08 jul. 2008.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá, PR: Eduem, 2000.